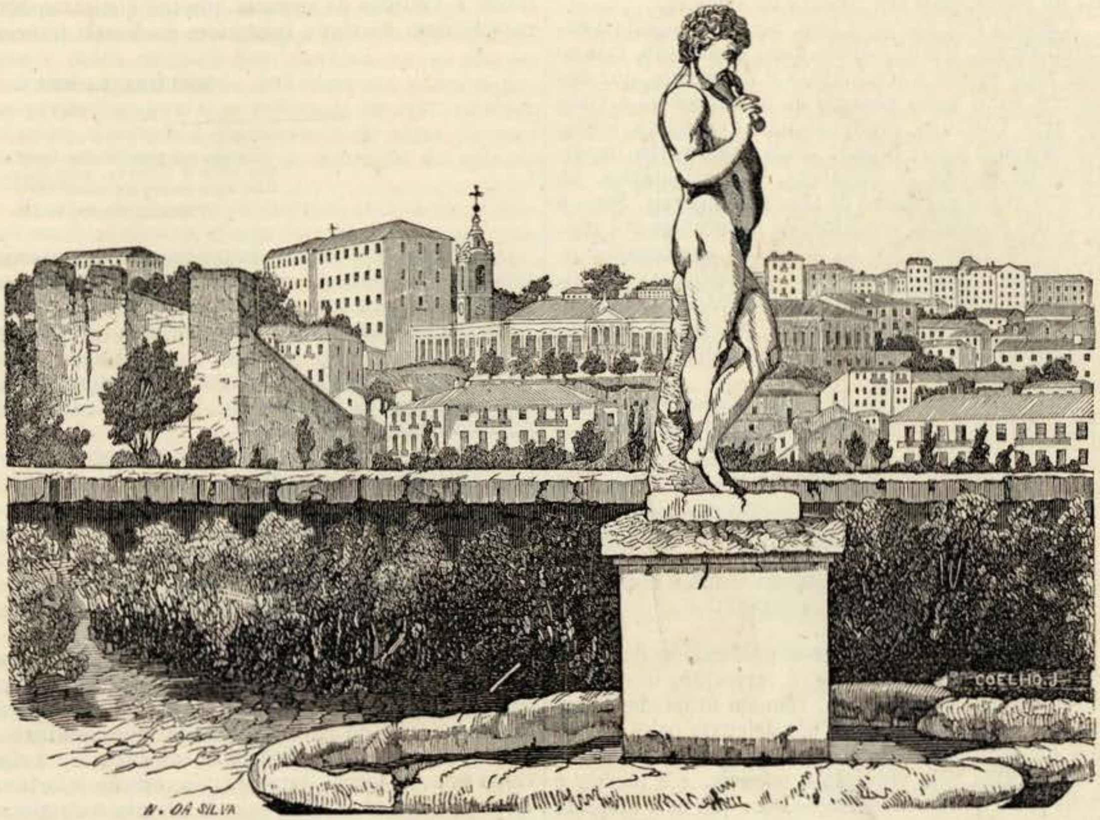


Quinta real do Calvario. — Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Coelho Junior.

Bem difficil nos foi colher apontamentos que nos habilitassem a escrever algumas linhas d'illustração á gravura que hoje damos, representando a estatua da quinta real do Calvario, e o lindo panorama que d'esta se desfructa.

Como a quinta se acha encorporada nos bens da coroa, e nada exista escripto, nem mesmo em tradição, que revele a sua origem, ignora-se completamente qual fosse o seu primeiro possuidor, e a maneira por que passou a ser propriedade da coroa. Se alguns titulos existiam que justificassem a sua acquisição, não se encontram na casa real. É o que soubemos. Só consta que n'outro tempo se fizera mercê da propriedade a um tal Francisco José Dias, com a condição expressa de estabelecer n'ella uma fabrica de chitas, e que, faltando áquella condição, o principe regente dera ordem no Brazil para que o guarda-joias João Lourenço d'Andrade tomasse conta da quinta, pelo anno de 1808, o que se effeituou, tratando desde logo aquelle empregado, com sollicitude, de aformoseal-a, delineando a horta ajardinada, plantando magnificos pomares, e boa vinha nos terrenos que se haviam destinado para o estendal da fabrica.

A quinta real está em lindo e pittoresco sitio. Pela disposição dos terrenos se vê que é formada de diversas peças; sete contâmos, segundo as denominações que hoje tem: quinta da Nympha, pomares da reserva, do jardim, do Calvarinho, do Teixeira, do cemiterio, e da horta. Entre a calçada da Tapada e a rua de Alcantara se acham collocados: o palacete, onde reside o ex.^{mo} visconde de Campanhã, que tem vista para o largo do Calvario, e a velha habitação onde viveu a ex.^{ma} marqueza de Valença. Assentam no terreno da real propriedade, confinando parte com a horta das religiosas flamengas. Se em 1834 não demolissem o passadiço que havia no pequeno terraço da quinta da Nympha, ainda existiria a communicação com a tapada da Ajuda. Ao menos, tiveram o bom senso de, n'aquella peça, derrubarem as espessas paredes de loureiros que a fechavam por tres faces, e assim aproveitaram largo espaço para novas e uteis plantações.

A entrada da quinta real do Calvario está separada das outras peças, que lhe ficam ao poente, por uma rua, murada de ambos os lados, que se denomina hoje do Carro, e dá accesso da calçada da Tapada para a rua d'Alcantara. Para vencer as desegualdades que ha entre esta e aquella das ruas, foi necessario aterrar, e sustentar o aterro por um muro curvilineo, reforçado por uma çapata. Aqui existem hortas com abundancia de arvores de caroço, e pomares de espinho, os quaes são conhecidos pelos nomes do Teixeira, do Cemiterio, da Horta e do Calvarinho, de que acima fallámos.

No centro d'este plano ha um grande lago, defronte da porta principal do predio, e para elle se vae por espaçosa e elegante rua de arvores silvestres, a qual é de crer que fosse construida só para recreio, porque o accidente do terreno destaca-a completamente do todo. Ao sul do lago está a horta ajardinada, e no centro d'esta um pequeno tanque, d'onde se eleva a antiga estatua de pedra, cujo auctor se ignora.

Como se vê, goza-se d'ahi um lindo panorama, cheio do encanto e da poesia, que, em larga copia, respiram os sitios da Ajuda e Belem. Não trataremos agora de os descrever, por inopportuno julgarmos o momento, e o espaço nos não sobejar; basta que os memoremos assim, para mostrarmos que não nos esquecemos d'elles, o contrario do que, para muita e boa gente, seria falta imperdoavel.

Esquecia-nos que na quinta chamada da Nympha,

e ao noroeste do pomar, de que toda se compõe, ha um tanque razo, que tem uma ilha no meio, com alegretes, e ao pé do muro está uma fonte com bacia de pedra, outr'ora coberta de telheiro.

A quinta real não paga foro, nem está sujeita a encargo algum. É mui variada a sua producção, mas no que mais avulta o rendimento é da laranja, que nos parece foi o anno passado de quatrocentos e vinte mil réis. Comtudo, produz alguma uva, milho, feijão, e mui pouco grão; ficando ainda como verba importante de receita as hortaliças, que calculâmos, no mesmo anno, para cima de trezentos mil réis. Seria o total dos productos vendidos, de novecentos mil réis. É preciso dizer-se que na quinta se empregam bastantes operarios, que se gasta dinheiro em material, em melhoramentos, em aformoseamento, no seu amanho, etc., e que, para despeza, poderemos, portanto, acrescentar, sem exaggêro, mais dois terços á receita.

Não podêmos deixar de notar, como curiosidade, que em todo o terreno da quinta real ha, proximamente, novecentos pés de larangeira, ao passo que tem vinte oliveiras. E assim dâmos por finda esta brevissima noticia.

INFLUENCIA DAS ARTES DO DESENHO SOBRE O COMMERCIO E RIQUEZA DAS NAÇÕES.

Promover e desenvolver a publicidade dos bons escriptos, dos escriptos que, á correcção, fecundidade e belleza da linguagem, reunam utilidade e instrucção; dos escriptos que nos deleitam pelos encantos do estilo e alargam a esphera dos nossos conhecimentos pela erudição e sciencia, é a melhor e mais proficua recommendação com que uma empreza litteraria póde e deve apresentar-se ao publico.

O jornal, que nasceu para levar o recreio e a instrucção ao albergue do pobre, creado para substituir o livro, que as classes menos favorecidas da fortuna não podem comprar, desnatura-se e trahe o principio que lhe deu ser, quando, em logar de illustrar pela correcção de seus artigos e encyclopedia das doutrinas, monotonisa, esterilisa e corrompe, sujando papel, calumniando a lingua, estragando o gosto, compromettendo, muitas vezes, a moral, e illudindo a boa fé e os bons desejos do povo.

O artigo, que segue, pertence ao curto numero d'esses escriptos onde o leitor goza e aprende muito em egual escala. É a traducção de parte d'uma interessante memoria que Eméric David, o escriptor que na França maiores serviços prestou á arte, escreveu sobre esta questão, proposta pela Classe de Litteratura e Bellas-Artes do Instituto real de França: — *Qual é a influencia da pintura sobre as artes d'industria commercial? Quaes as vantagens que o estado colhe d'essa influencia, e as que de futuro promettem?* — e a que poz o titulo de — *Influencia das artes do desenho sobre o commercio e riqueza das nações*.

Não faremos aqui o elogio d'este trabalho, que em si o tem por entre as flores da eloquencia e os relevos da erudição, na pureza da verdade e rigor da sciencia, com que está habilmente elaborado. Menos definiremos o interesse e utilidade da sua propagação n'um paiz, onde, desgraçadamente, tanto se desconhecem as bellas-artes, onde os governos as olham com a mais completa indifferença, onde ninguem escreveu ainda sobre ellas com acerto, onde, em fim, os que passam por mais illustrados chamam ás artes de Miguel-Angelo e Raphael, artes de *fazer bonecos*, e n'isto se diz tudo.

O titulo já, por certo, despertou a curiosidade do leitor. Portanto, não lhe opprimamos o desejo. Deixemol-o repassar o coração de poesia, e povoar o espirito de uteis conhecimentos, n'essa elegancia do estilo e grandeza das imagens, n'essa erudição profunda e vastidão da sciencia que tão distinctamente caracterisam as obras immortaes do Vasari francez.

NOGUEIRA DA SILVA.

No dia em que Rhodes levantou um altar a Minerva, caiu sobre a ilha uma chuva de ouro.
PINDARO, *Olymp.* VII.

A arte de representar as producções da natureza com traços e côres foi a primeira de que os homens se serviram para tornarem as suas idéas sensiveis á vista. D'ella nasceu a escripta. Era uma tradição entre os egypcios e os phenicios, que os deoses a tinham inventado para comporem os caracteres sagrados. Estes povos olhavam-na, portanto, como uma sciencia divina.

Os gregos, cujas fabulas encerravam uteis preceitos, attribuiam a invenção da pintura ao Amor. E com effeito: sendo o principal objecto da pintura a configuração fiel do corpo humano, concluia-se mui naturalmente, supppondo que Amor fosse o seu inventor, crendo que este deus ciumento houvesse por seu proprio punho traçado as leis de tão magica arte.

A pintura lega ás gerações vindouras a imagem d'um parente, d'um amigo da humanidade, d'um heroe. A pintura representa o homem dotado de tantas graças e de tanta magestade, que, muitas vezes, duvidâmos da existencia de modelos tão bellos como as suas obras. Representa-o, ora no infortunio e nos tormentos, ora no seio da alegria e da gloria, sempre tão grande pela elevação da alma, como pela inalteravel belleza do corpo. Em fim, pela escolha dos novos assumptos que trata, bem como pela perfeição de seus quadros, a pintura compenetra um povo inteiro de admiração e amor pelos grandes homens, pelas leis, pela justiça, pela coragem, pela virtude, pela patria.

Veremos augmentar a gloria d'esta arte, considerando-a nas suas relações com a industria e o commercio, e demonstrando quão grande, quão poderosa é a sua influencia sobre a prosperidade e riqueza dos estados?

Cremos que sim; porque, imperando a pintura sobre os espiritos, exclusivamente pela belleza dos objectos que figura, toda a influencia que exercer sobre o commercio é derramando o amor do bello, generalisando e vulgarisando, por assim dizer, a arte de escolher. Ora, estando o bello physico e o bello moral intimamente ligados um ao outro, e não sendo, a certos respeitos, senão uma mesma cousa, levados somos a crer que os homens, em geral, que prezarem o encanto do bello nos objectos d'arte e commercio, nos moveis, nos vasos, nos vestuarios, elevarão todos os seus pensamentos, á proporção que apurarem o gosto, e, para estarem em harmonia comsigo proprios, ligar-se-hão, consequentemente, á sabedoria e á razão, pelo mesmo motivo por que preferem nos objectos physicos a simplicidade, a conveniencia e nobreza das fórmas.

Não nos digam que a simplicidade de alguns povos antigos era preferivel ao luxo, á circulação da moeda, aos emprestimos, e aos impostos, sobre os quaes repousa o systema dos governos modernos. Os principios da politica mudaram completamente. O poder das nações depende hoje, mais que nos tempos passados, da importancia e prosperidade do seu commercio; e é no emprego conveniente e bem entendido das producções das bellas-artes que reside o

segredo de unir cousas apparentemente incompativeis: o commercio e os bons costumes, a riqueza e a liberdade.

A pintura encerra dois elementos: o desenho e o colorido. Devemos consideral-a indistinctamente sob uma e outra relação? Sem duvida; porque não foi sem razão que a Classe de Litteratura e Bellas-Artes perguntou *qual é a influencia da* PINTURA *sobre as artes d'industria commercial*, em logar de perguntar unicamente *qual é a influencia da arte do* DESENHO.

As artes d'industria commercial podem ser divididas em duas classes: n'uma entram as artes que contribuem para a riqueza dos estados, pela influencia directa do desenho, como são as do ourives, de gravura, do lavrante, do modulador, do entalhador, do fabricante d'estofos ornados d'arabescos, de figuras de homens e animaes, a arte dos gobelinos, a do fabricante de porcelana, do marceneiro mesmo, do ebanista, do mosaista, etc.; n'outra as que não recebem do desenho senão influencia indirecta, como as artes de fabricar estofos de lã de toda a especie, seda de uma só côr, em que a França hoje tanto se distingue, e que, por muito tempo, foi uma das principaes riquezas dos florentinos; as manufacturas de vidros, em que os venezianos, antes da França primar nas bellas-artes, adquiriram grande celebridade; as de fabricar tecidos brancos, as de forrador e estofador, do commercio de tintureiro, de cutellaria, as do lapidario, serralharia, relojoeiro, e uma multidão d'outras muitas. Nenhuma d'estas ultimas recebe, por certo, da arte do desenho senão fracos recursos; não obstante, se indagarmos as causas graves da sua creação, dos seus progressivos aperfeiçoamentos, da sua extracção interna e exportação dos seus productos, que multiplicam e os operarios, e os primores d'arte, e os interesses, de prompto se reconhece que os progressos feitos pelos povos, nas bellas artes, são as causas determinativas dos melhoramentos e desenvolvimento d'estas artes subordinadas. Vê-se que a pintura, vê-se que as bellas-artes, provocando e aprimorando-nos o sentimento do bello, excitando e dirigindo o genio, fallando ao gosto, ao coração, e á razão, descobrindo-nos, em fim, novos gozos, são o lume que nos esclarece, e o espirito d'emulação que anima o obreiro o mais estupido e indolente.

Para demonstrar plenamente qual é a influencia da pintura sobre as artes d'industria commercial, em geral, consideremos esta arte desdobrando todos os seus recursos, provocando a admiração pela mysteriosa imitação de tudo quanto a natureza apresenta de bello e grandioso, marchando no mesmo grão de perfeição ao lado de suas irmãs, a esculptura, a architectura, etc.

Procuremos, pois, ver qual é a influencia da pintura e do desenho sobre a civilisação, o gosto, o progresso da industria, em geral, sobre o commercio, e os productos.

Os factos e as provas abundam tanto n'esta materia, que mais difficil é escolhel-os que achal-os. Não podêmos deixar duvidas no espirito de nossos leitores. Ao contrario, a maior difficuldade a vencer é corresponder á alta idéa que tem já formado da pintura e de seus uteis effeitos.

Alimentar-se, vestir-se segundo a temperatura do clima, defender-se dos animaes ferozes e dos malfeitores, taes são as primeiras necessidades do homem na infancia das sociedades. Estas necessidades exigem pouco commercio, mas bastam já para estabelecerem um. Cada qual offerece do seu superfluo para obter a porção do necessario que lhe falta. As sociedades nascentes, por identico motivo, trocam o excesso dos seus productos por outros que não tem.

Tal é o commercio na sua primeira simplicidade, commercio que não se exerce ainda senão sobre objectos de absoluta necessidade, mas commercio onde reconhecemos já effeitos de uma faculdade natural e indestructivel, que chama os povos á civilisação; effeitos d'esse sentimento que leva o homem a comparar seus prazeres, a reflectir, a meditar, que planta o amor, que augmenta o prazer da amizade, que aviva o desejo da propriedade e do gozo; effeitos d'esse sentimento, que mais tarde pede ás bellas-artes os primores de seus sonhos; que sollicita a industria, que apressa, alarga e enriquece o commercio; effeitos d'esse sentimento, attributo particular da especie humana, que arranca o homem das florestas, e eleva a gloria e o poder das nações ao mais alto grão a que é possivel chegarem; quero dizer: do amor do bello. Fallo das armas, do vestuario, dos instrumentos diversos de que se serve um povo meio selvagem. Ha homem tão grosseiro, que não note na fórma dos instrumentos de que se serve e na do vestuario que usa, uma certa conveniencia com que mais utilisa, certa graça pela qual captiva mais? Ha mulher tão barbara que não conheça o preço de seus encantos e que não procure fazel-os valer superiormente com ornamentos emprestados?

(Continúa).

VASCO LOPES,

GRÃO MESTRE DE SANTIAGO.

1338.

(Continuação.)

O prior precipitou-se nos braços de Ramiro; apertou-o convulsivamente contra o peito; quiz fallar e embargou-se-lhe a voz.

— Meu pae! (exclamou Ramiro).

— Perdão, perdão, meu filho, que sou eu a causa da tua morte! Quanto hei chorado desde essa noite de horrivel mysterio!

— Fui então aprisionado, mas em fim torno a ver-vos!

— Nunca nos tinhamos separado! Eu, só eu sou traidor! Tu, Ramiro, és innocente! Sobre a minha cabeça deve pesar o rigor da vingança do grão-mestre. Irei ter com elle, abraçal-o-hei de joelhos, ver-me-ha em lagrimas, pedirei que se mostre clemente comtigo, pedirei que...

— Como o amor vos engana!

— Pedirei que te não mate, a ti que és uma criança; ou que nos mate a ambos!

— Não vos escutará, porque não sois seu amigo, antes lhe tendes sido contrario.

— Ha de ter piedade d'estas cans, revogará a sentença de tão barbaro castigo!

O prior, descobrindo que Ramiro fixava a vista no vulto que estava na extremidade da sala, dirigiu-se para alli, levando o filho agarrado pela mão. Quando se chegou perto, um repentino instincto de terror o fez retroceder.

— D. Vasco! (gritou o preso.)

— Vós aqui, senhor! (disse o prior caindo-lhe aos pés.) Perdão, perdão para este innocente! Deveis ter escutado a pena que me suffoca: só eu sou culpado. Se hontem tremulou em Uclés o estandarte de Affonso, se Ramiro convocou o povo, foi victima da obediencia que me prestava, e das minhas illusões. Senhor, se o seu crime é enorme, a sua edade é tão pouca, que bem merece desculpa da vossa generosa piedade. Se quereis fazer justiça que aterre Castella, fazei que a sentença de Ramiro se cumpra em mim.

Vasco permanecia silencioso e immovel.

— Nada vos demove? Não fallaes? Embaraça-vos a impunidade que me promettestes, e aos que comi-

go se levantaram no castello? Restituo-vos pela minha parte a vossa promessa. Se vos não compadeceis d'este rapaz, tende dó da minha velhice enferma. Se daes a morte a Ramiro, condemnaes-me a viver entre agonias, porque a minha velhice descança n'elle. Mandae-me matar a mim, que antes de morrer e até ao ultimo suspiro apregoarei e abençoarei a vossa piedade. Mas fallae, senhor; uma palavra, D. Vasco, que esse silencio me gela o coração!

O grão-mestre meneou lentamente a cabeça, como em signal negativo.

Mendo proseguiu com voz mais lenta:

— O mundo era um deserto, uma solidão espantosa para mim, que n'elle passava triste e sem prazer. Desde a infancia que não tenho a mão consoladora de mãe que me enxugue as lagrimas; nem irmãos, nem parentes que em torno de mim revelem animação e vida. Ministro do Senhor, passei a manhã da vida servindo o Senhor nos altares, e combatendo nos campos os inimigos do seu nome. O baculo d'esta velhice era Ramiro; Ramiro era o raio de sol que alumiava as trevas d'esta vida; era o que trocava o deserto da minha habitação em grata morada; era do seu porvir que eu me occupava sem cessar. E terei ainda que chorar sobre a lousa de meu filho, quando entre seus braços contava exhallar o ultimo suspiro? Tendes sêde de sangue? Vertei todo o meu, mas por Deus não derrameis uma unica gota de Ramiro!

Nada valeu vêl-o o grão-mestre com a voz embargada pelo pranto, e o corpo estendido no solo a seus pés.

— Serei justo e fiel á minha palavra (disse Vasco). Permitti-vos a impunidade, mas não a prometti a este mancebo. Necessita-se d'um exemplo severo. Dois dos meus melhores cavalleiros foram mortos no ataque da torre. Se porque sois o que sois; se porque trazeis a cor roxa, a minha vingança não póde alcançar-vos; no vosso amor a este rapaz acharei meio de vingar-me. Ramiro ha de morrer, e em breve!

— D. Vasco, não condemneis minha alma a torturas mais penosas que as que algozes podem dar; não façaes que a bocca impia blasfeme de Deus! Fazei que o golpe cáia sobre o verdadeiro culpado: poupae o innocente. Meu Deus, commovei este coração! Perdão!... Misericordia, D. Vasco!

E Mendo arrastava-se aos pés do grão-mestre, que procurava virar-lhe as costas.

Ramiro, que até alli permanecêra frio, silencioso, mudo espectador d'um debate, em que se tratava da sua vida, não pôde por mais tempo conter a indignação, e querendo que o prior se levantasse, lhe disse com voz firme:

— Basta de supplicas, meu pae! Todos os dias da minha vida não valem que assim vos humilheis ante um homem que ultraja as vossas cans. Propondes uma troca que o não póde contentar, porque carece de vingar-se de vós; nem a mim, porque não me importa morrer. Ver-vos chorar a minha morte é a minha desdita, a minha pena maior. Que faria da vida? Para que me serviria, se perdida a nossa empreza, com ella vi desfeitas todas minhas esperanças, esperanças que nem vós, meu pae, conhecieis? Amava a orfã d'um altivo e poderoso cavalleiro. Possuil-a um dia era toda a minha illusão. Leonor, Leonor, oh! quanto te idolatro ainda!...

— Amas Leonor? (disse Vasco saindo repentinamente da sua impassibilidade) amas a pupilla de D. Sancha?.... E ella?....

— Ella (continuou Ramiro fallando tranquillamente com o prior) adorava-me. Inda não ha muito que lhe escutei a mais lisonjeira confissão.

— Mentes! (gritou irritado o grão-mestre). É audacia de mais! Um miseravel como tu nem póde servir de tapete a seus pés, quanto mais captivar-lhe o coração!

— O seu amor é toda a minha dita, todo o meu prazer, toda a minha ambição (continuou Ramiro)! Procurava distinguir-me, procurava merecer do rei honras e mercês, para offerecer um nome illustre á minha Leonor. Mas o destino foi-me fatal! Se vivo, a vida sem esperança de obter a sua mão é peor que a morte. Deixae-me morrer, meu pae: os que nasceram condemnados a padecer, só no tumulo acham repouso.

O prior escutava-o surprehendido. Ouvia fallar como um homem o que sempre olhára como uma criança. Aquella voz doce e juvenil puzera-o n'uma contemplação fixa, dolorosa, inerte, com a cabeça voltada para Ramiro, mas sempre de joelhos aos pés de Vasco.

— Não o matareis, senhor! (disse Mendo depois d'um momento de silencio) que a morte deve ser horrivel para quem o amor sorri na primavera da vida!

— Confessae-o! (disse Vasco) É preciso acabar com isto. Sim ou não?

O grão-mestre apitou. Appareceram quatro homens; dois apoderaram-se do velho prior, e dois arrastaram o brioso mancebo.

Mendo luctava em vão para libertar o filho; mas as forças debeis quebravam-se de encontro aos braços robustos dos homens de D. Vasco.

— Dou o ceo por testimunha! (gritou D. Mendo, com voz tremula e sumida). Um horrendo crime, um barbaro assassinato se commette nas trevas! A justiça dos homens, a quem toca julgar os delictos dos homens, ainda desconhece o seu delicto: a justiça do ceo ainda o não pôde absolver pela minha bocca; a egreja, como terna mãe, inda não póde perdoar as suas faltas! A maldição de Deus e dos homens ha de cair sobre o assassinato sacrilego!

— Em boa hora gritaes! (disse em tom desdenhoso o grão-mestre) nem os algozes, nem as paredes de rocha tem ouvidos!

— Maldição! (gritou o velho Mendo reunindo todas as forças). Maldição sobre ti, que pizaste aos pés as cans do ancião! Se hoje me viste orgulhoso de rojo a teus pés, ámanhã calcarei aos pés a tua cabeça arrogante!

O prior foi levado violentamente para fóra da sala.

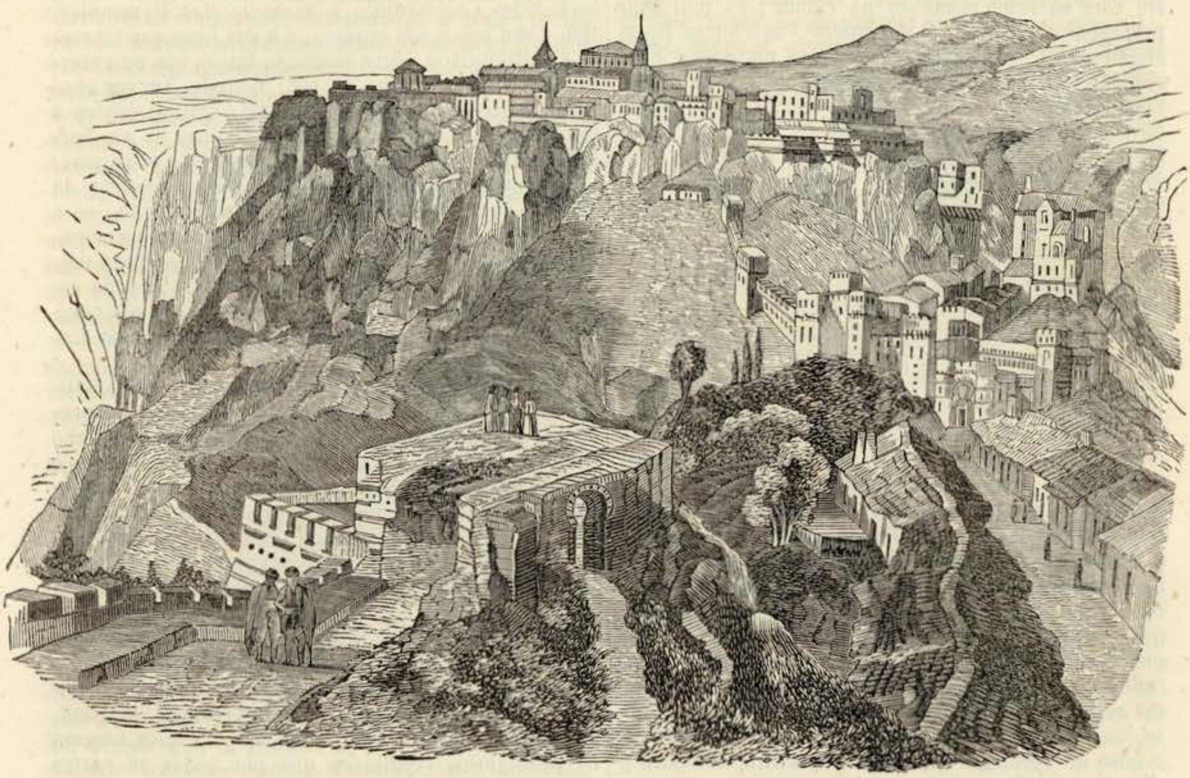
D. Vasco, aterrado um momento pela voz inspirada e pelo anathema do ancião, passou a mão pela fronte como para apartar da cabeça a maldição, e recordando-se de que aquella era a noite assignalada como termo irrevogavel para cumprir as promessas que fizera a Isabel, disse retirando-se d'alli para acudir á entrevista que déra n'uma das capellas da egreja:

— Hoje, vespera da Encarnação, trocaram-se os papeis. Tambem me toca agora detestar e maldizer!

(Continúa).

COMO POLEMON ABRANDOU A COLERA D'UM AMADOR DE PEDRAS PRECIOSAS.

Polemon, sendo n'uma occasião injuriado por um homem que era grande amador de joias e pedras preciosas, em logar de lhe responder, tomou uma d'estas pedras, fingindo observal-a com grande prazer. «Não! não! exclamou com alegria o individuo, encantado da complacencia com que se lhe lisongeava a sua paixão; não é assim, Polemon, que deves ver esta pedra, se queres avaliar sua belleza e brilho; volta-a para a luz... assim! assim!...»



Ronda.

Ronda é uma imponente e admiravel serrania que, conjunctamente com a *Sierra de Xérez*, rodeia a formosa Sevilha.

Compõe-se de uma serie de montanhas escarpadas, quasi perpendiculares, despidas de vegetação, occultando em seus robustos flancos valles florescidos, verdadeiros jardins onde o cactus africano levanta suas hastes ao lado do medronheiro, onde o cacaoeiro da America floresce ao lado do ananaz, de suaves perfumes.

Conheces tu, diz Mignon, o paiz onde os limoeiros crescem cheios de viço e frescura? Conheces tu, canta o andaluzio, o paiz onde milheiros de potros e egoas cobrem a loura areia, nos dias enflorados d'abril? o paiz onde o touro feroz que percorre, mugindo, a collina, desce em manadas as montanhas?

Potros y yeguas por miles,
Cubriendo la rubia arena,
Por los floridos abriles
Del monte va desciendo
El fiero toro en manada
Que andaba en su bacada
Por los alcores mugiendo.

É infinita a variedade de paizagens que as montanhas de Ronda, quaes amorosas ciumentas, vigiam, occultam e guardam nos seus valles, com seus apices austeros e melancholicos.

Aqui, é um bosque de tristes oliveiras, de folha verde-gris; mais longe, é um grande ramilhete de larangeiras, embalsamando o ar com o delicioso perfume de suas flores brancas, e offerecendo-nos, em larga copia, os seus pommos d'ouro: no fundo da perspectiva, magra palmeira balouça a sua coroa de palmas arrendadas sobre sua haste enlaçada. A batata do Brazil, o arroz da India, e a maceira da Normandia, confundem ahi as producções de todos os climas. A tubara andaluzia é menos cara que as nossas batatas; a *manzanilla*, este vinho do pobre, corre em ondas abundantes, e os limões, as laranjas e as romãs cobrem o solo dos agricultores.

Povoae este paraiso de costumes pittorescos, legados e conservados por homens robustos e alegres, por mulheres de fórmas elegantes, de engraçados e voluptuosos *ademanes*, de pés delicados e largos hombros; lançae nas ruas das villas e cidades, ou sobre a poeira dourada das estradas, estes bellos cavallos de sangue nobre, ajaezados á gineta, como no tempo dos mouros, orgulhosos de seu frontil de côres deslumbrantes, e tereis uma vaga idéa da parte da Andaluzia, que a nossa gravura representa, Ronda, bem como de toda aquella.

O QUE É A MODERAÇÃO?

A moderação é o temor de cair na inveja e no desprezo que merecem todos os que se embriagam com a sua felicidade: é uma vã ostentação da força do nosso espirito; em fim, a moderação dos homens nos altos cargos é um desejo de parecerem superiores á sua fortuna.

Faz-se uma virtude da moderação para limitar a ambição dos grandes homens, e para consolar as pessoas mediocres de sua pouca fortuna e acanhado merito.

A moderação nas boas fortunas, ou é a apprehensão da vergonha que segue a colera, ou a de perder o que se tem.

A moderação é como a sobriedade: muita vontade temos ainda de comer mais, mas tememos que nos faça mal!

AS MARAVILHAS DA SCIENCIA.

(Continuação.)

Cançado da vida vagabunda, o povo nomada entra com os seus rebanhos na cidade; as muralhas protegem-n'o contra a intemperie, as choças ficam abandonadas, e o pastor converte-se em operario; o cidadão, abrigado debaixo do seu tecto, ri-se da estação inclemente e dos animaes carnivoros. Os esforços são largos, vagos, cheios de incertezas e defeitos, de quédas e erros. A sciencia elabora-se confusamente e em segredo; o homem vacilla ao ver posta em pratica a alchimia tenebrosa da creação. Em quanto se move na superficie, parece-lhe ouvir seres infernaes, os *telchinios*, os *gnomos*, e os *kobolds*, que executam em a noite perenne dos subterraneos obras espantosas e mysteriosas; figura-se-lhe que, commovido nas ultimas profundidades, o solo estremece sob os seus pés, e põe attento o ouvido ao fragor dos martellos dos cyclopes. Cega-o o firmamento, a terra fal-o tremer, porque o abutre inflammado de Vulcano exhala-se em horrendos suspiros pelas crateras vulcanicas, pelas grandes fauces abertas das montanhas, pelas fendas das rocas.

Da sciencia apenas tem a idéa abstracta, mal definida, diffusa, em estado de embrião; só a experiencia o elucidará em meio d'esses mysterios, e guial-o-ha entre esses labirynthos. Vêde com que nomes tão barbaros, selvagens quasi, se designa a sciencia; que vocabulario de denominações terriveis! a magia, a astrologia, a alchimia, a taumaturgia! Comtudo, a idéa rejeitada pelas philosophias e pelas falsas religiões torna-se uma fórma perceptivel: deduz-se, analysa-se, e completa-se; a observação separa o falso do verdadeiro, secciona, mistura, compara a theoria, coordena os factos da pratica, combina-os, e tira as consequencias. Assim, com o estudo, com o tempo, com a paciencia, com a investigação perseverante, a astrologia converte-se em astronomia, a alchimia em chimica, a taumaturgia em physica.

Pede-se a razão de cada arcano descoberto; a sciencia philosophal, continuada com ardor, dá origem á chimica; o alambique, consultado sobre o diamante, produz o phosphoro e a polvora. Nenhuma operação é difficil, porque traz comsigo um aperfeiçoamento que tende a alliviar a carga do homem e a diminuir-lhe o trabalho. Todo o descobrimento consola e ennobrece; o progresso é a suppressão da fadiga, um espaço maior de socego e de bem-estar concedido ao homem. O tronco da arvore, fundamento grosseiro dos baixeis, substitue a natação, como o cavallo a locomoção pedestre. Poder-se-hia escrever a historia do mundo pelos pormenores familiares da vida intima dos povos: o escravo que tritura o grão corresponde á mó; o servo, menos opprimido, ao moinho. A idade média é mais instruida, e portanto mais sentimental que a antiguidade.

Em breve a miseria humana tocará ao seu fim, graças ao prodigioso desenvolvimento da industria, ao concurso de todas as actividades, á destruição de todos os obstaculos. Brilha para nós a aurora de uma civilisação perfeita: a antiga degradação que nos humilha vae desapparecer. Agora temos uma vida multiplice, collectiva, social; cortámos o tempo e a distancia; o globo, tão extenso n'outro tempo, é hoje mais reduzido: aplanam-se as montanhas, os continentes aproximam-se, os mares diminuem.

Nos tempos antigos só vemos as existencias superiores, excepcionaes de reis e conquistadores, de satrapas, e cortezãs. Porque estes personagens podem mover-se, agitando em volta de si exercitos de sollicitos escravos, legiões de servos e clientes, sempre espiando um gesto, um mandato, um desejo. Quem póde calcular os milhares de braços estendidos e collos dobrados que hão sido necessarios para um Sardanapalo, um Alexandre, um Nero; quantas lagrimas das multidões, e quanto sangue das gerações foram precisas para edificar tantas grandezas? As sociedades, construidas a exemplo das Pyramides, tem o seu apice nos espaços, e a sua base nas trevas.

A antiguidade, dura comsigo, talvez não se enternecesse mais que uma só vez: quando Xerxes chorou o espectaculo do exercito que conduzia contra a Grecia; — pranto divino caído dos olhos de um barbaro, e que, todavia, o christianismo não enxugou!

As lentas transformações e os uteis soccorros da sciencia crearam ao homem a verdadeira vida, — a da liberdade. O individualismo, tão desproporcionado ha pouco, singular, arrogante, afasta-se para deixar o seu logar ás massas regeneradas. A cada esforço, como sangue joven e vivo, a vida, mais compacta e dilatada, afflue nas veias dolorosas da humanidade.

A guerra, que é o estado natural de uma civilisação incompleta, não apresenta outra face ao presente, com quanto se vá tornando impraticavel: não será um general, mas um chimico o que de hoje ávante ganhará as batalhas: Archimedes, provendo-se do espelho, destruirá a esquadra inimiga. O genio da destruição acha-se de tal sorte aperfeiçoado, auxiliado por tão poderosos agentes, por tão terriveis motores, que o proprio Napoleão não poderia entrar em linha.

Não vêdes como a sciencia transforma o mundo, e quão magnifica é a aurora que presenceâmos? Nenhuma vara de nigromante poderia evocar maravilhas similhantes ás que a industria nos prepara, quando se pensa de que pequenos principios nascem os prodigiosos resultados que por todas as partes vemos e tocâmos, sem admiral-os.

O instincto de uma locomoção rapida assignala o cavallo; porém, o cavalleiro fatigado busca descanço na carruagem. Mas não basta: a velocidade engendra a velocidade; o *wagon*, indo-se a todo o vapor pelos *rails*, deixa mui atraz a diligencia que roda na estrada. O famoso dito de Luiz XIV, «já não ha Pyreneos,» applicado á industria, não é bravata de grande alma, senão o justo sentimento da verdadeira realidade.

O pensamento comprimido, reduzido, incerto, murmurado de ouvido a ouvido, adquire em fim um vôo extenso; não é já a communicação de bocca a bocca, de homem a homem, a transmissão limitada de uma idéa; teve por primeiro interprete a palavra; porém a voz é apenas o vehiculo insufficiente da saída do orador que se dirige á multidão, do philosopho que instrue na aula, do sacerdote que illustra os fieis reunidos. O pensamento, mais veloz, mais rapido, tomou a elevação cursiva da escriptura; encarna-se no papyro, ostenta-se e fixa-se em manuscriptos, em pergaminhos, em folhas volantes; tornando-se visivel, falla aos olhos. A palavra sagrada, sôlta do movimento dos labios, transforma-se e transmitte-se de mão em mão; a eloquencia dilata-se como os echos, sob o estilo dos copistas e a penna dos benedictinos. O homem arranca esta grande conquista á natureza para não perecer de todo, para deixar um rasto após de si não sómente dos seus feitos, mas tambem das suas menores palavras, dos seus mais fugitivos pensamentos. A personalidade humana, a identidade individual, não contentes de atravessar o tempo e a distancia, salvam o proprio sepulchro, e atravessam o eterno e glacial olvido do Lethes. O insensivel papel recebeu as confidencias do homem, as expansões do seu cerebro, os segredos do seu coração; e a seu turno, commove-se, anima-se, palpita e toma vida como se tivera consciencia da sua missão O papel será a fonte onde

virão repousar as almas anciosas de saber; dará testimunho do avô a seus netos, e fará que as gerações se reunam e se communiquem nas linhas das escripturas. Mas eis que um propheta mais ousado, mais forte, mais universal, Guttemberg, descobre a imprensa no mesmo seculo em que o genovez Christovão Colombo encontra mundo novo no outro lado do immenso Oceano.

O chumbo, submettido, subjugado, faz-se vassallo nosso, e obedece a seu senhor com submissa passibilidade. Fundidos os caracteres, reunidos, combinados, adquirem a categoria de letras, e constituem o alphabeto. O papel, humido ainda, prensado sob os cylindros de madeira, sáe e entrega-se á expansão universal da imprensa, brilhante como um raio de luz. O livro! eis ahi a columna de fogo das gerações futuras. O livro, comtudo, é caro; não está ao alcance de todas as fortunas; é preciso que se faça mais pequeno, mais humilde, mais communicativo, mais prodigo. Longe de economisar-se, propagar-se-ha debaixo de uma fórma accessivel, e levar-nos-ha ao periodico, ao bolletim, ao curso do espirito humano; o pensamento, que só chamava ás portas do rico, do erudito, do curioso, insinuar-se-ha até nas cabanas e nas officinas. Andando o tempo, subirá mais alto que os telhados. Com effeito, multiplicada pelo modico do preço, a electricidade accelera-se, e um fio metallico une em quatro minutos Paris a Londres, tomando por interprete a rapidez.

Depois de largas e penosas tentativas, começámos a comprehender a nossa soberania terrestre, e em meio da nossa imperfeita sufficiencia actual, rimo-nos dos ponderados esforços dos antigos. No espaço de tempo que Alexandre tardava para chegar ao Ganges, dariamos agora a volta ao globo; e um barril de vinho de Bordeos iria dez vezes melhorar-se nas Indias. Luculo, tão amigo de mariscos, poderia comer ás cinco da tarde ostras colhidas de manhã em Ostende; Catão comeria frescos os figos de Smirna; se Vatel ainda vivesse, não se mataria esperando a maré, mas banhar-se-hia em casa de Chevet, que não faz esperar ninguem. O caminho de ferro é uma rede, com a qual Paris, que necessita de peixe, pesca no Oceano.

A frequencia de relações, devida aos meios de locomoção, aos vehiculos da telegraphia e da electricidade, a arte dos aerostatas, unindo os povos com os laços da assimilhação, derribará as fronteiras e as alfandegas, e amalgamal-as-ha por solidariedade. A linguagem do commercio é um idioma que se falla em toda a parte. Esse papel de quatro dobras que circula de Londres a Cantão; a letra girada por um negociante de Rotterdam contra uma casa de New-York; o escudo convertido em bilhete, que parte do Havre para tomar carregamento em Batavia, não estão contribuindo para os destinos futuros do mundo e ao bem-estar das nações, mais do que as notas diplomaticas solemnemente transmittidas de um a outro gabinete? Não são unicamente os governos, são tambem os povos que se communicam entre si. A similhança de necessidades aproxima as distancias, apaga os limites, agrupa as multidões: — a terra é grande na proporção do peão para o cavalleiro, d'este para a carruagem, da carruagem para a locomotiva.

A compaixão para os seres fracos introduz-se em nossos dulcificados costumes, e a benevolencia nacionalisa-se e dilata-se. O trabalho confia-se ás machinas que moem, trituram, tecem, cardam, cortam, torcem, arrastam, levantam e transportam; para ellas não ha suores nem desfallecimento, mas jogo certo, precisão automatica. Antes de chegar á belleza absoluta é mister passar por transformações multiplices, por ensaios e provas; por esta razão temos o esqueleto da machina; a epiderme virá depois. Antes de sair da officina, o Jupiter de Phidias era talvez uma mesa ou uma arteza. Entrae em vós, poetas miopes, que não vêdes a idéa debaixo da fórma inculta e repugnante. A machina tosca trazer-vos-ha um porvir melhor, e um *far niente più dolce*. Quem sabe? Alguns dias mais, e a locomotiva será acaso tão formosa como o carro de Agamenon, rei de reis: a maravilhosa Illiada da industria busca entre vós um Homero.

Em presença de uma machina, não podêmos dominar certo remordimento involuntario, pueril talvez, porém ternissimo. Á similhança do homem, os seus vastos pulmões comprimem-se e alargam-se: consome o ar vital do carvão; o oscillante vaivem da vida eleva-a e anima-a; os embolos postos em exercicio fazem as vezes de braços; em logar de musculos tem articulações de aço, e a sua respiração estrepitosa em movimento, escapa-se-lhe em férvido vapor pelo orificio das valvulas.

(Continúa). BRITO ARANHA.

BIBLIOGRAPHIA. [1]

Muitas causas poderosas foram parte para que os estudos em Portugal tenham desde muito tempo parecido paralyticos. Uma d'ellas tem sido a campanha prolongada e trabalhosa entre a liberdade e o privilegio para a reconstrucção tão espinhosa como instante do edificio politico.

Povo de tradições livres, e de aspirações magnanimas, a primeira das nossas necessidades sociaes foi desprendermo-nos de laços ignominiosos e injustos, e seguirmos o movimento geral impresso no mundo velho pela revolução ingleza do XVII seculo, que convidou todas as nações á liberdade e ao movimento.

Era preciso derrubar as barreiras que para tudo e a todos impediam passo, e negavam caminho. Quem marcharia rodeado de tantas obstrucções? A vista não podia elevar-se ou alargar-se pelo horisonte, sem que a injustiça do poder, ou a muralha que o privilegio levantava para resguardar pessoas ou cousas que zombavam da lei commum, lhe quebrassem os raios, e inclinassem para a terra o espirito anhelante: o pé não podia mover-se sem que o *terminus* d'um direito d'excepção, que chegára a ser tal na intensão e extensão, que quasi se podia chamar principio, o não constrangesse a parar e adormecer.

Então, o primeiro empenho devia ser, e foi desempedir o caminho, franquear a estrada, estimular os animos.

Como não seria grande a lucta para conquistar tudo isto? Era privilegio o domicilio, o tecto que abrigava, o tecido que vestia, o trabalho que sustentava a vida. Era privilegio o pão do corpo e o pão do espirito. Os desherdados comiam o que o privilegio lhes consentia ou não sequestrava. Privilegio o ensinar, privilegio o aprender, que almas podiam medrar n'aquella atmosphera viciada e infecta? O espirito publico tinha-se preparado para a resistencia; alguns acontecimentos não calculados, alguns homens produzidos por elles, e expostos ás vistas de todos, como instrumentos predestinados para a grande transformação, aluiram a obra da iniquidade, e começaram a obra da justiça.

Mas uma e outra eram de proporções descommunaes. O tempo não tem sobrado, e nem todas as resistencias se poderam vencer já, para rematar o empenho glorioso, que é o maior brazão d'este seculo. Muito se tem conseguido, mas ha ainda muito velho edificio, cujas sinistras ruinas é preciso arrasar; ha ainda muita fundação nova que brada ao ceo, e não

[1] *Diccionario Bibliographico Portuguez*, estudos de Innocencio Francisco da Silva, applicaveis a Portugal e ao Brazil. Tomo I, A–B, Lisboa na imprensa nacional. — 1858.

deve por muito tempo esquecer aos obreiros da civilisação e da liberdade.

A epocha em que somos entrados distingue-se pela feição de pratica utilidade, que imprime em todas as acções e relações do homem. A metaphysica desappareceu diante dos progressos da sciencia applicada e applicavel ás satisfações da existencia. Os interesses materiaes e moraes que se repelliam, conciliaram-se, coexistem, inda que se não póde dizer absolutamente, que cada um de per si conserve a mesma lei de progresso, que tinha em tempos de condições diversas. Os espiritos desceram das regiões especulativas; abateram o vôo da altura das visões para a realidade da terra; mas vão fazendo da terra um paraizo. Todas as attenções estão concentradas no que póde melhoral-a e embellecel-a. A instrucção publica, primeiro elemento da empreza moderna, promette alcançar tudo e todos. A ignorancia já infama como o patibulo: só a illustração laurea como o capitolio.

É para acompanhar o movimento d'este seculo e attingir os grandes fins da sociedade moderna, que, povos e governos, todos lidam do occidente ao oriente, do septemtrião ao meio-dia, n'um empenho que é a maior gloria do Creador, e da creatura: lida o mundo antigo e o mundo moderno; nações velhas para retemperarem a força injectando nas veias novo sangue que as vivifique; nações novas para alcançarem o lustre e a preexcellencia que lhes são estimulo permanente.

Portugal e Brasil entram, em fim, com energia e confiança na campanha da civilisação e da paz. Reclamam instrucção liberal e hão de tel-a. A eschola ha de ir procurar todos os cantos, e todos os desvalidos. As letras que se vulgarisam, a sciencia que se humanisa, e a todos escancara as portas do seu templo, vão ser, ao mesmo tempo, causa e effeito da dilatação do estudo, e d'uma grande transformação moral.

Comprehendendo estas tendencias, conhecendo a necessidade de meios que facilitem a cultura do espirito luso-brasileiro, é que um perseverante e illustrado investigador, o mais distincto e respeitado bibliophilo de Portugal, o maior conhecedor da nossa bibliographia, começou a publicação d'uma obra notavel por muitos titulos, fructo de vinte annos de trabalho nunca interrompido, subsidio, e guia indispensavel para estudiosos de Portugal, e de cousas portuguezas. Fallâmos do sr. Innocencio Francisco da Silva, e do seu *Diccionario bibliographico portuguez*.

O apparecimento d'esta obra é um acontecimento que merece a commemoração da imprensa. As razões que a faziam desejar eram bem conhecidas e sentidas. O trabalho bibliographico do abbade de Sever não era isento de lapsos, e sobre tudo estava atrazado mais d'um seculo. Continual-o, completal-o, expurgal-o, corrigil-o, foi o que o *Diccionario* se propoz.

Conseguil-o-hia?

Plenamente.

É preciso conhecer o plano da obra, e os interesses a que ella quiz acudir, para saber avalial-a com justiça. Estão alli enthesourados todos os valores da nossa bibliographia. O *Diccionario* dá ao amador de livros o fio de todas as especies desde a idéa summaria do auctor até ao tomo, merecimento critico, e preço do livro: dá ao estudioso o inventario minucioso de todas as nossas fontes litterarias, ou scientificas.

O trabalho era improbo para ser tentado por um só braço; mas um só braço tentou-o e venceu-o.

Só depois que se publicou o I volume é que o publico pôde comprehender o alcance do *Diccionario*, e corresponder ao convite geral, que o auctor lhe fez, para que o ajudasse com informações sobre o que podéra ter-lhe escapado, ou por circunstancias especiaes de tempo e logar não podéra averiguar.

O *Diccionario* faz a resenha dos escriptores e publicações modernas com o maior desenvolvimento. Algumas ommissões voluntariamente commettidas no I volume, com a intenção, agora modificada, de não alargar demasiadamente as dimensões da obra, hão de ser suppridas n'um volume complementar, n'um supplemento que contenha as correcções e additamentos inevitaveis em trabalhos e publicações d'esta natureza. Um volume de indices nos sentidos mais adequados será a chave d'este valioso monumento, erigido á gloria e á illustração patria por um homem de modestas pretenções, mas de merecimento variado, de erudição não vulgar, e sobre tudo d'uma diligencia e consciencia critica que o fazem admirado e respeitado de todos os que n'esta terra cumprem o fadario d'uma vocação fatal, cultivando letras com alguma verdade e amor, mas definhando sem galardão nem estimulo.

O *Diccionario* ha de concluir com a noticia de todas as academias e sociedades scientificas ou litterarias, creadas em Portugal desde o meiado do seculo XVII, com as particularidades apuradas a respeito de cada uma, e com o catalogo especial de todos os auctores pseudonymos. Os indices geraes dos escriptores serão um pela ordem dos appellidos, e outro remissivo de todas as materias e assumptos tratados nas obras descriptas.

Este auxiliar poderoso, com que o incançavel bibliophilo veiu em soccorro de todos os que dependem ou cultivam lettras, já começou a ser cabalmente apreciado no paiz e fóra d'elle.

A procura que tem tido não nos deixa illudir. O trabalho não carece de melhor recommendação que este facto, e o justo conceito que merece e lhe attrahem desde logo as circunstancias vantajosas que acompanham o simples nome do auctor.

JOSÉ DE TORRES.



Vestir a *capricho*. (!!!...)

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão Rua da Boa-Vista, 4 F